

DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA OBRA DE AYEOLA MOORE

Por **Rosana Silva Chagas**, socióloga

A figura da mulher domina a obra de Ayeola Moore, artista plástica de Guadalupe (Caribe francês), residente em Salvador. A apresentação de sua obra no Museu-Afrobrasileiro (MAFRO), “**MULHER, A FORÇA QUE MOVE O MUNDO**”, no dia 27 de novembro próximo, é uma exposição no Brasil, mas que poderia ser exibida em qualquer outro lugar do mundo. Por um lado, as cores em tela parecem dançar para celebrar a vida, o afeto, o amor, a razão, as conquistas, a natureza, a espiritualidade, e a ação - o poder da mulher. Por outro lado, as tintas também são um grito que denunciam as opressões, o descaso, o horror, a violência.

Ela apresenta a mulher no plano do cultural e do político, do sagrado e do profano, do cuidado e do desprezo, da maternidade e da solidão, da autonomia e da reinvenção de si. Com um olhar histórico por detrás das telas, a artista conecta diferentes planos da vida social para fazer emergir uma crítica às condições de vida das mulheres nos dias atuais. Nesse sentido, as condições de vida que subalternizam e oprimem as mulheres negras ganham destaque nas tintas que revelam o olhar sensível de Ayeola.

As narrativas de Ayeola, escritas em tintas sobre tela, não se limitam a tratar de uma mulher genérica e abstrata. Uma concepção ocidental universalista de mulher. Ela questiona os padrões estabelecidos sobre o que é ser mulher. Questiona os essencialismos impregnados nessa identificação. Ayeola abre espaço para a reflexão acerca das múltiplas identidades de gênero, para as diferentes orientações sexuais e para os vários papéis sociais que as mulheres assumem na sociedade contemporânea.

As mulheres que Ayeola destaca são aquelas que ela conhece mais íntima e concretamente - as mulheres negras. Mulheres objetificadas como *commodity* na economia do racismo e tornadas inúteis e descartáveis nesta mesma economia. Mulheres cujas diversas formas de opressão se interseccionam seja no âmbito da **raça** e **classe**, quando se trata das interações com mulheres e homens brancos, seja no âmbito do **gênero** e **classe**, quando se trata das interações com homens negros, tornando a vida ainda mais difícil. Essas opressões podem alcançar esferas gigantescas, para além do "olhar" opressor masculino, seja ele branco ou não. O quadro

interseccional se complexifica quando a esse se agregam idade, orientação sexual, etnia, religião ...

As mulheres negras têm dito “BASTA!” em muitas instâncias da vida. O que leva a mulher negra a dizer “BASTA!” é a consciência de sua condição de opressão exercida pelos valores de uma sociedade calcada no racismo, no patriarcalismo, no machismo, no sexismo, na heteronormatividade, na homofobia. E dessa consciência emerge a necessidade de mudanças traduzidas em várias formas de ações que podem ser radicais, no sentido estrito do termo, em torno da cultura, da estética, da política... Mas também em torno da prática do auto-cuidado e do auto-amor. O projeto político de dismantelar as opressões vividas pelas mulheres negras carrega um sentido revolucionário para os povos negros do planeta – incidindo necessariamente sobre as realidades das outras mulheres oprimidas do mundo - porque daí pode surgir um projeto coletivo de comunidade e de sociedade.

A força do trabalho de Ayeola nos faz refletir sobre as possibilidades de diálogos entre as mulheres das diásporas africanas e destas com as mulheres do continente africano. De fato, reconhecendo as mulheres negras como agentes transformadoras do mundo, a obra da artista rompe com o silêncio que tenta, a todo custo, apagar a marca dessas mulheres da história. É nessa história coletiva concreta e singular, que reside a ancoragem universal da obra dessa nova artista.